



# O Pálido Olho Azul

LOUIS BAYARD



Planeta

Uma história brilhante  
sobre assassinato e  
vingança, protagonizada  
por um detetive  
aposentado e pelo  
jovem cadete  
Edgar Allan Poe



 Planeta

# O Pálido Olho Azul

LOUIS BAYARD



Planeta

*Tradução*

Lea P. Zylberlicht



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Louis Bayard, 2006  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Lea P. Zylberlicht  
Publicado de acordo com HarperCollins Publishers.  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The Pale Blue Eye*

*Coordenação editorial:* Algo Novo Editorial  
*Preparação:* Carmen T. S. Costa  
*Revisão:* Roberta O. Stracieri, Tamiris Sene e Laura Folgueira  
*Projeto gráfico e diagramação:* Designios Editoriais  
*Adaptação de capa:* Fabio Oliveira  
*Imagem de capa:* © Netflix 2022. Utilizada com autorização.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bayard, Louis

O pálido olho azul / Louis Bayard; tradução de Lea P. Zylberlicht. – 2. ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.  
416 p.

ISBN 978-85-422-1961-6


Título original: *The Pale Blue Eye*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Zylberlight, Lea P.

22-5569

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção norte-americana

 Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
01415-002 – Consolação  
São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

## **Acreditamos nos livros**

Este livro foi composto em Galliard e impresso pela Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em outubro de 2022.

## *O último testamento de Gus Landor*

*19 de abril de 1831*

EM DUAS OU TRÊS HORAS... BEM, É DIFÍCIL CONTAR... EM TRÊS HORAS, CERTAMENTE, ou, no máximo, quatro horas... dentro de quatro horas, digamos assim, estarei morto.

Menciono isso porque situa as coisas sob determinada perspectiva. Meus dedos, por exemplo, tornaram-se interessantes para mim nos últimos tempos. Assim como a ripa inferior do biombo veneziano, um pouco torta. Do lado de fora da janela, uma glicínia se move no galho principal, balançando como num patíbulo. Eu nunca vi isso antes. Algo mais, também: neste instante, o passado voltou com toda a força do presente. Todas as pessoas que conviveram comigo, não vieram todas elas se juntarem ao meu redor? *O que as impede de discutir?*, pensei. Eis ali Hudson Park, conselheiro municipal, perto da lareira; ao lado dele, minha esposa, com seu avental, retirando as cinzas com a pá; e quem a observa senão meu velho cão terra-nova? No corredor: minha mãe – que nunca havia posto os pés nesta casa, morreu antes que eu completasse doze anos – zomba do meu traje de domingo.

Coisa curiosa nos meus visitantes: não trocam palavras entre si.

Uma etiqueta muito rigorosa prevalece, não consigo identificar as regras.

Eu diria que ninguém consegue. Durante a última hora, tive minha atenção ocupada – agitada, quase – por um homem chamado Claudius Foot. Eu o prendi quinze anos atrás por ter roubado a mala postal de Rochester. Uma grande injustiça: três testemunhas juraram tê-lo visto assaltando o correio de Baltimore no mesmo instante. O homem ficou furioso por causa disso, saiu da cidade sob fiança, voltou seis meses mais tarde, desequilibrado em decorrência da cólera, e atirou-se na frente de um cabriolé. Falou o tempo todo até morrer. Ainda agora continua falando.

Oh, é uma multidão, posso dizer. Dependendo do meu humor, ou do ângulo do sol que atravessa o biombo veneziano da sala de estar, posso tomar parte ou não. Houve vezes, admito, que desejei ter mais contato com os vivos, mas é mais difícil que apareçam hoje em dia. Patsy nunca mais parou por aqui... o professor Pawpaw está fora medindo cabeças em Havana... e quanto a ele, bem, de que vale chamá-lo de volta? É só convocá-lo em minha mente que, no momento que o faço, todas as velhas conversas ressurgem. Naquela noite, por exemplo, travamos uma discussão sobre a alma. Eu não estava persuadido de que tinha uma; ele sim. Poderia ter sido divertido ouvi-lo falar se ele não tivesse estado com uma determinação tão terrível. Mas, também, nunca ninguém me pressionou tão fortemente sobre isso, nem mesmo meu próprio pai (um missionário presbiteriano, ocupado demais com as almas de seu rebanho para plantar algo útil na minha). Repetidas vezes eu disse: “Bem, bem, você pode estar certo”. Isso apenas o deixava mais entusiasmado. Ele me dizia que eu estava apenas adiando a questão, aguardando uma confirmação empírica. E eu perguntava: “Na ausência dessa confirmação, o que mais posso dizer a não ser ‘Você deve estar certo?’”. Assim ficávamos rodeando até que um dia ele disse: “Mister Landor, virá um tempo em que sua alma se virará e o enfrentará da maneira mais empírica possível – no exato momento que o deixar. Você tentará agarrá-la, ah, em vão! Veja-a agora, desenvolvendo asas de águia, saltitando em ninhos de águias asiáticas”.

Bem, ele era fantasioso daquela maneira, Gaudy, como você deve saber. Eu mesmo sempre preferi os fatos à metafísica. Bons e sólidos fatos caseiros, uma sopa grossa que cozinhou o dia inteiro. São fatos e inferências que formarão a espinha dorsal desta história. Como formaram a espinha dorsal da minha vida.

Uma noite, um ano depois de minha aposentadoria, minha filha ouviu-me falando durante o sono – entrou e encontrou-me interrogando um suspeito morto havia vinte anos. Os fatos não se ajustam, eu continuava a dizer. O senhor percebe isso, mister Pierce. Esse indivíduo específico cortou o corpo de sua mulher e, em um armazém de eletrodomésticos, alimentou uma matilha de cães de guarda com as partes dela. No meu sonho, seus olhos estavam rosados de vergonha; ele estava aborrecido por ter tomado meu tempo. Lembro-me de ter-lhe dito: “Se não fosse o senhor, teria sido outra pessoa”.

Bem, foi aquele sonho que me fez perceber: uma profissão nunca pode ser deixada para trás. Você pode escapular dentro do Hudson Highlands,

pode se esconder atrás de livros e criptogramas e bengalas... mas sua profissão chegará e o encontrará.

Eu podia ter corrido mais para dentro da selva, podia ter feito isso. Como me deixei persuadir não sei dizer, honestamente; no entanto algumas vezes acredito que isso aconteceu – tudo isso – para que nos encontrássemos, ele e eu.

Mas não adianta especular. Tenho uma história para contar. E como aquelas vidas estavam, sob muitos aspectos, próximas a mim, deixei espaço, quando necessário, para outros oradores, sobretudo para o meu jovem amigo. Ele é o verdadeiro espírito por detrás desta história e, sempre que imagino quem será o primeiro a lê-la, é o único que se apresenta. Imagino seus dedos acompanhando as linhas e colunas, seus olhos selecionando meus rabiscos.

Oh, eu sei: não podemos escolher quem nos vai ler. Nada resta, então, a não ser o consolo de pensar no estranho – ainda não nascido, pelo que sei – que encontrará estas linhas. Para você, meu leitor, eu dedico esta narrativa.



E assim me tornei meu próprio leitor. Pela última vez. Quer colocar mais lenha no fogo, por favor, Alderman Hunt?

E assim recomeça.

# *Narrativa de Gus Landor*

## *1*

MEU ENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NO CASO DE WEST POINT DATA DA MANHÃ DE 26 de outubro de 1830. Naquele dia, eu dava meu passeio habitual – embora um pouco mais tarde do que o de costume – nas colinas que circundam Buttermilk Falls. Lembro que fazia calor como na Índia. As folhas soltavam um calor real, mesmo as mortas, e esse calor subia pela sola dos pés e dourava a névoa que envolvia as casas de fazenda. Eu caminhava sozinho, movendo-me cuidadosamente ao longo das trilhas das colinas... os únicos barulhos eram os de minhas botas quando esmagavam algo, o latido do cachorro de Dolph van Corlaer e, suponho, o de minha própria respiração, pois subi bem alto naquele dia. Eu estava indo para o promontório de granito que os habitantes locais chamam de Calcanhar de Shadrach e acabara de colocar meu braço em volta de um álamo, preparando-me para a investida final, quando fui atingido pela nota de uma corneta francesa, soando alguns quilômetros ao norte.

Um som que eu tinha ouvido antes – é difícil viver perto de uma Academia e *não* o ouvir –, mas, naquela manhã, ele provocou um estranho zumbido em minha orelha. Pela primeira vez, comecei a refletir sobre ele. Como uma corneta francesa podia enviar um som tão longe?

Como regra, esse não é o tipo de assunto que me ocupa. Eu nem teria incomodado você, leitor, com ele, mas isso de alguma forma revela o estado de minha mente na ocasião. Num dia comum, veja, eu não teria pensado em cornetas. Não teria voltado antes de alcançar o pico e não teria sido tão lerdo para perceber as marcas das rodas.

Dois sulcos, cada um com sete centímetros de profundidade e trinta centímetros de comprimento. Eu os vi quando me dirigia para casa, mas eles estavam lá junto com todo o resto: uma estrela, uma patente de militar. As partes se dispersavam, de certo modo, uma dentro da outra, de modo que eu olhara sem cuidado para esses sulcos das rodas e nunca (isso não é

do meu feitio) segui a cadeia de causas e efeitos. Por isso minha surpresa, sim, ao alcançar o topo da colina, na varanda em frente da minha casa, de encontrar uma pequena carruagem com um cavalo baio preso a ela.

Sobre a carruagem estava um jovem soldado de artilharia, mas meu olho treinado em perceber posições graduadas já havia sido atraído para o homem que se recostava no coche. Vestido com uniforme completo, ele estava enfeitado como para um retrato. Guarnecido de galões dourados da cabeça aos pés: botões dourados e um cordão dourado em sua barretina, um metal dourado na empunhadura de sua espada. Ofuscador do sol, foi como ele me pareceu, e tal era a disposição de minha mente que em suma me perguntei se ele havia sido *criado* pela corneta francesa. Havia a música, afinal de contas. Havia o homem. Uma parte minha, mesmo então – pude ver isso –, estava *relaxando*, como um punho afrouxando suas partes: os dedos, a palma da mão.

Eu, pelo menos, tinha esta vantagem: o oficial não tinha ideia de que eu estava lá. De algum modo, a indolência do dia produzira efeito sobre seus nervos. Ele se inclinava sobre o cavalo, brincava com as rédeas, sacudindo-as para a frente e para trás, fazendo eco da chibatada do próprio rabo do animal. Olhos semicerrados, a cabeça oscilando sobre o pescoço...

Poderíamos continuar assim por um tempo – eu observando, ele sendo observado – se não fôssemos interrompidos por um terceiro participante. Uma vaca. Grande, enorme, movendo-se subitamente. Ela saíra de um matagal de plátanos, lambendo o dorso para retirar trevos que a cobriam. A vaca logo começou a dar voltas na carruagem – com raro discernimento –, ela parecia supor que o jovem oficial devia ter boas razões para intrometer-se. Esse mesmo oficial deu um passo atrás como para ter firmeza para desferir um ataque e sua mão agitou-se, indo direto para a empunhadura da espada. Suponho que a possibilidade de haver um massacre (de quem?) foi o que finalmente fez com que eu me mexesse – descendo a colina com passos largos e divertindo-me enquanto gritava:

“O nome dela é Hagar!”

Muito bem treinado para girar, esse oficial. Ele virou a cabeça em minha direção com pequenos deslocamentos, o resto de seu corpo acompanhando os movimentos no momento apropriado.

“Pelo menos ela responde a esse nome”, expliquei. “Ela apareceu por aqui poucos dias depois de mim. Nunca me disse seu nome, então dei um para ela.”

Ele conseguiu mostrar algo parecido com um sorriso. Disse: “Ela é um belo animal, sir”.



“Uma vaca republicana. Vem e vai como lhe apetece. Nenhuma obrigação de ambos os lados.”

“Bem. Nesse ponto... ocorre-me que se...”

“Se apenas *todas* as mulheres fossem desse jeito. Eu sei.”

Esse jovem não era tão moço quanto eu havia pensado. Um pouco mais de quarenta, conjecturei: apenas uma década mais jovem do que eu e ainda entregando mensagens. Mas essa missão era a única coisa segura que tinha. Ela o fez endireitar-se dos pés à cabeça.

“O senhor é Augustus Landor?”, ele perguntou.

“Sim, sou.”

“Tenente Meadows, ao seu serviço.”

“Muito prazer.”

Ele pigarreou – por duas vezes. “Sir, estou aqui para informá-lo que o superintendente, Thayer, pede uma audiência com o senhor.”

“Qual seria a natureza dessa audiência?”, perguntei.

“Não tenho a liberdade de dizer, sir.”

“Não, claro que não. Ela é de ordem profissional?”

“Eu não...”

“Então, posso perguntar quando essa audiência ocorreria?”

“Imediatamente, sir. Se concordar.”

Não me animei muito. A beleza do dia nunca me parecera tão evidente como naquele momento. O esfumaçado peculiar do ar, tão raro no final de outubro. A *névoa*, flutuando à deriva pelo promontório. Havia um pica-pau martelando um código em um cajepute. *Não vá.*

Com minha bengala, apontei em direção à minha porta: “O senhor tem certeza de que não posso lhe oferecer um café, tenente?”

“Não, obrigado, sir.”

“Tenho presunto para fritar, se o senhor...”

“Não, já comi. Obrigado.”

Voltei-me. Dei um passo em direção à casa.

“Eu vim para cá por causa da minha saúde, tenente.”

“Perdão?”

“Meu médico disse-me que era a minha única chance de viver até uma idade avançada: eu tinha de *subir* para as montanhas. Deixar a cidade para trás, disse o doutor.”

“Hum.”

Aqueles olhos castanhos insípidos dele. Aquele nariz branco achatado. “E aqui estou”, continuei. “Uma imagem de saúde.”

Ele aquiesceu.

“Não sei se concorda comigo, tenente, que a saúde é avaliada de forma muito elevada?”

“Não sei dizer. O senhor pode estar certo, sir.”

“Não se formou na Academia, tenente?”

“Não, sir.”

“Oh, então o senhor progrediu da maneira árdua. Subindo de posição, não foi?”

“Sim, de fato.”

“Eu também nunca fui à faculdade”, eu disse. “Ao ver que não tinha qualificações para ser ministro, de que valia estudar mais? Foi o que meu pai achou – assim os pais pensavam naqueles dias.”

“Compreendo.”

É bom saber disto: as regras do interrogatório não se aplicam às conversas normais. Em uma conversa normal, aquele que está falando é mais *vulnerável* do que aquele que não está. Mas eu não era suficientemente forte, então, para dar outro rumo à conversa. Assim, dei um chute na roda da carruagem.

“Uma condução tão extravagante!”, exclamei, “para ir buscar um homem.”

“Era a única disponível, sir. E eu não sabia se o senhor possuía seu próprio cavalo.”

“E se eu decidir não ir, tenente?”

“Vir ou não, mister Landor, é assunto seu. Porque o senhor é um cidadão particular e este é um país livre.”

*Um país livre*, foi o que ele disse.

Ali estava o meu território. Hagar a poucos passos à minha direita. A porta de meu chalé ainda entreaberta, como eu a tinha deixado. Dentro dele: um conjunto de criptogramas, que havia acabado de chegar do correio, e um bule de estanho com café frio, um conjunto de biombos venezianos desolados e um cordão com pêssegos secos e, apoiado no canto da chaminé, um ovo de avestruz que me fora dado anos atrás por um negociante de especiarias na Forth Ward. Na parte dos fundos da casa: meu cavalo, um cavalo ruão envelhecido, atado a uma paliçada e rodeado de feno. Cavalo era seu nome.

“É um belo dia para um passeio”, eu comentei.

“Sim, sir.”

“E um homem pode ter um pouco de tempo para não fazer nada, esse é um fato.” Olhei para o tenente. “E o coronel Thayer está esperando, esse é outro fato. Será que o coronel Thayer qualifica isso como um fato, tenente?”

“O senhor pode levar o seu próprio cavalo”, disse ele um pouco desesperançado. “Se preferir.”

“Não.”

A palavra pairou no silêncio. Ficamos parados ali, circundando-o. Hagar continuava a andar ao redor da carruagem.

“Não”, repeti por fim. “Ficarei contente em ir com o senhor, tenente.” Olhei para meus pés para assegurar-me. “Para dizer a verdade”, continuei, “sou grato pela companhia.”

Era o que ele estava esperando ouvir. Por que ele não tirou uma pequena escada do interior do veículo? Não a colocou encostada à carruagem e não me ofereceu um braço para apoiar-me? Um braço para o velho mister Landor! Coloquei meu pé no degrau mais baixo, tentei içar-me, mas o passeio matinal havia acabado com minhas forças e minha perna fálhou, caí contra a escada, caí feio, e tive de ser empurrado para dentro da carruagem. Abaixei-me até o duro banco de madeira e o tenente subiu atrás de mim. Eu disse, recorrendo à única coisa certa com que podia contar: “Tenente, o senhor poderia cogitar em pegar a estrada do posto na volta. O caminho pela fazenda de Hoesman é um pouco difícil para uma carruagem de rodas nesta época do ano”.

Era bem o que eu estava esperando. Ele parou. Inclinou a cabeça para um lado.

“Sinto muito”, eu disse. “Eu deveria ter explicado. O senhor deve ter percebido que havia três pétalas de um grande girassol presas nos arreios de seu cavalo. É claro que ninguém tem girassóis tão grandes quanto os de Hoesman – eles praticamente nos atacam quando passamos por eles. E aquelas lascas de amarelo nas almofadas laterais das portas? São as sementes do milho de Hoesman. Disseram-me que ele usa um tipo especial de fertilizante – ossos de galinha e flores de plantas oleáceas, esses são os mexericos dos nativos, mas um holandês nunca conta, não é? A propósito, tenente, os seus familiares ainda vivem em Wheeling?”

Ele não olhava nunca para mim. Eu só soube que havia acertado pelo súbito baixar de seus ombros e pela impetuosa demonstração de raiva. O cavalo se balançava para subir a colina, meu corpo batia de encontro ao encosto e ocorreu-me que se não houvesse uma parede atrás para segurar-me eu poderia continuar caindo... para trás, para trás... via tudo muito claro em minha mente. Atingimos a crista da colina, a carruagem virou para o norte e, pela janela lateral, pude ter um vislumbre de minha varanda e da graciosa figura de Hagar, que não esperava mais por uma explicação, pronta para ir embora. Para nunca mais voltar.